

A Rã Bonifácio

Texto: Fernando Évora
Revisão de texto: Jennifer Silva

Esta história passa-se na quinta do Sr. Artur.

Melhor: num charco que havia na quinta do Sr. Artur.

Foi lá que nasceu o Bonifácio, o herói da nossa história.

O Bonifácio, quando nasceu, era um girino igual a todos os seus irmãos. Quase só se viam os olhos, duas bolas muito grandes a olhar o mundo.

Passou esses tempos no charco a aprender a nadar. Não era melhor nem pior nadador que os outros girinos.

Foi aí, nesse charco, que ganhou o hábito, quando tinha medo, de se esconder lá no fundo, no meio da terra ou debaixo das pedras.

Os tempos foram passando e ao Bonifácio apareceram as pernas e os braços. Isto é: foi-se transformando numa rã. Nem mais bonita nem mais feia que as outras. Apenas uma rã!

Porém, o Bonifácio teve um problema no seu crescimento: é que quando todos começaram a ter voz, e se aventuraram nas primeiras cantorias – ...rrr...rrr...rrr... – ao Bonifácio nada saía. O tempo ia passando, os seus primos e irmãos cantavam cada vez mais e melhor ...RRR...rrrr...RRRR...rrrr...RRR... – e o Bonifácio ...pff... pff.... nada!

E depois veio a primeira grande primavera das cantorias.

À noite, as rãs juntavam-se à volta do charco e desatavam a cantar ao despique, quer dizer, a ver quem cantava mais alto e melhor ...RRR... rrrr...RRRR...rrrr...RRR... Havia rãs que cantavam sozinhas, ou seja, a solo ...RRR...rrrr...RRRR...rrrr...RRR... e havia grupos de duas rãs a cantar, que eram os duetos ...RRR...rrrr...RRRR... rrrr...RRR... e havia grupos de três, que eram os trios ...RRR... rrrr...RRRR...rrrr...RRR... e grupos de quatro, que eram os quartetos ...RRR...rrrr...RRRR...rrrr...RRR... E até havia orquestras inteiras ...RRR...rrrr...RRRR...rrrr...RRR...RRR ...rrrr...RRRR...rrrr...RRR...

Eram tão belas essas noites de cantoria das rãs, que até o Sr. Artur e a mulher, a Dona Almerinda, se aproximavam do charco para as ouvir. Apenas as ouviam, pois se se aproximassem muito, as rãs mergulhavam e paravam o festival de música.

Enquanto umas rãs cantavam, outras havia que dançavam. A que melhor dançava era uma rã linda, que tinha umas grandes pestanas e umas pernas de ginasta. Chamava-se Margarida.

A Margarida nadava no charco e mergulhava ao som da música ... RRR...rrrr...RRRR...rrrr...RRR... dançando de costas e de bruços, fazendo lindas figuras. E depois dava grandes saltos, com mortais, que são voltas no ar. Dava até três – três! - mortais nos saltos e ainda fazia piruetas, que são assim uma espécie de parafusos. E todas as rãs admiravam a cantoria e as danças da Margarida.

Todas? Não. O nosso Bonifácio, porque não sabia cantar, sentia-se envergonhado...

Às vezes, metiam-se com ele, para que tentasse cantar. O Bonifácio enchia a bolsa de ar, mas depois, quando soprava - .. pffff pfff - não saía som nenhum.

É que se o Bonifácio não cantasse, nunca arranjaría namorada.

E havia algumas rãs que se riam dele, sobretudo uma rã mais má, chamada Adolfo – ai se essa rã era má!

Então, quando vinha a noite, com o medo de gozarem com ele e a vergonha de não saber cantar, o Bonifácio fazia como quando era girino: escondia-se lá em baixo, na terra, a chorar.

Mas como ainda assim ouvia as cantorias dos primos, irmãs e amigos, lá ao longe - ...RRR...rrrrr...RRRR...rrrrr....RRR... - começou a escavar e a fazer buracos pela terra adentro. Cavava fundo, muito fundo, para chegar a um sítio onde já não ouvisse as outras rãs.

Foi assim que o Bonifácio foi descobrindo caminhos por baixo da terra que nenhuma outra rã conhecia!

Então, ia esse verão já entrado, quando aconteceu uma desgraça na quinta do Sr. Artur. É que o Sr. Artur teve de vender a quinta, pois estava com falta de dinheiro. Vendeu a quinta a uns senhores todos emproados que queriam ali fazer muitas estufas.

Assim foi. Os senhores todos emproados vieram e fizeram muitas estufas. E começaram a usar uns produtos químicos para que as plantas crescessem muito depressa.

Mas esses produtos que usavam misturavam-se na água do charco e faziam mal às rãs: queimavam-lhes a pele, ai ai ai!

E as rãs andavam assustadas, sobretudo com os mais novos, os girinos, que eram os que mais sofriam. Ai, os pobrezinhos que apanhavam grandes queimaduras!

Deixou-se de cantar e dançar naquele charco e as rãs estavam todas com medo do que lhes pudesse acontecer: era impossível continuar a viver ali.

Mas para onde ir? Perguntavam-se...

É que aquele era o único charco que conheciam. Na antiga quinta do Sr. Artur não havia mais charco nenhum, elas até já tinham mandado algumas rãs investigar.

As mães rãs choravam pelos seus filhos que cada vez apanhavam queimaduras maiores.

Por essa altura não se via o Bonifácio havia já uma semana: tinha desaparecido!

Mas numa bela manhã quente, estava um sol esplendoroso, voltou o Bonifácio. E foi dando toques a todas as rãs, como que a chamá-las, pois ele, como nós sabemos, não conseguia falar.

Juntou as rãs e fez-lhes sinal para o seguirem. Assim foi: as rãs, acompanhadas dos girinos (alguns com queimaduras), entraram todas num túnel, uma espécie de corredor que o Bonifácio tinha escavado na terra.

Muitas tinham medo de para onde pudessem ir, mas sabiam que naquele charco não mais podiam ficar. E foram seguindo o Bonifácio.

Lá em baixo não havia luz. As rãs, em fila indiana, deixavam-se escorregar pela terra barrenta, agarradinhas umas às outras.

Andaram, andaram... foram a grande velocidade por descidas que pareciam não acabar, e depois por túneis e mais túneis que o Bonifácio tinha escavado.

Aquilo parecia não acabar, algumas rãs estavam a ficar preocupadas. O Adolfo, esse então, maldizia o Bonifácio e dizia que ele os tinha enganado.

Mas então começaram a ver, lá muito ao longe, uma luzinha.

E quanto mais se aproximavam, maior era a **luzinha**. Afinal aqueles túneis tinham fim! E quando chegaram ao fim: Ah.... Que visão maravilhosa!

Estava um lindo entardecer e, cá em baixo, havia não um charco, mas **um grande e belo charco!** Com água límpida e transparente. E todas as rãs ali tomaram banho, para tirarem a lama com que se tinham sujado no túnel.

Nessa noite voltaram as cantorias.

Mas antes houve um minuto de silêncio pelo charco que tinha desaparecido na costa alentejana. As rãs puseram-se todas à volta da sua nova casa e, caladas, lembraram o seu velho charco, onde tinham sido muito felizes.

Houve até quem chorasse!!!...

... depois voltou a alegria e nessa esplendorosa noite cantaram todas as rãs, a solo ...RRR...rrrrr...RRRR...rrrrr....RRR..., em duetos ... RRR...rrrrr...RRRR...rrrrr....RRR, em trios ...RRR...rrrrr... RRRR ...rrrrr....RRR, em quartetos ...RRR...rrrrr...RRRR... rrrrrRRR... e até a orquestra de todas elas cantou as mais belas melodias: ... RRR...rrrrr...RRRR...rrrrr....RRR... ...rrrrr...RRR...rrrrr... RRR...RRRR... ...RRR...RRR...RRRR...rrrrr... rrrrrr...

O Bonifácio, que era agora o herói, já não teve vergonha de não cantar, nem medo que o gozassem. A Margarida dançou ainda mais bela do que nunca: dançou de costas e de bruços, sobre a água e lá no fundo. E que bem que se via a Margarida a dançar lá no fundo, pois aquela era água cristalina, que **charco** mais bonito era difícil haver. E dava pulos com mortais e fazia não três, mas quatro voltas no ar, e belas piruetas.

Quando acabou de dançar, enquanto todas as outras rãs batiam palmas, a Margarida foi para o pé do Bonifácio e encostou-se ao seu ombro.

Foi nessa noite que o Bonifácio e a Margarida ficaram namorados. E depois, todas as rãs foram felizes para sempre naquele charco.

Tudo graças ao Bonifácio!